

DO ARTIGO AO DETERMINANTE¹

por

MARIA AUGUSTA CAVACO MIGUEL

0. Introdução

Quando observamos as classes de palavras ou partes do discurso nas gramáticas das línguas ocidentais, reparamos que não existe uma grande evolução terminológica relativamente às gramáticas clássicas do Grego ou do Latim, desde Aristóteles, Donato ou Prisciano. Contudo, regista-se alguma mudança na designação *artigo* e *determinante*.

Por um lado, não podemos comparar a evolução destes termos com a nomenclatura latina, visto que no Latim o artigo não existia. Por outro lado, porque a introdução do termo determinante é muito recente (foi registado somente neste século).

O título deste artigo, “Do artigo ao determinante”, tem como objectivo apresentar cronologicamente estes dois termos que encontramos nas gramáticas das línguas em épocas diferentes, como resultado de abordagens diferentes das classes de palavras e da sua função gramatical.

Perguntamo-nos se, quando empregamos os termos artigo e determinante referindo-nos ao mesmo item, fazemos somente a

¹“Do Artigo ao Determinante” foi o tema de uma comunicação que apresentámos no *Colloque sur la Terminologie Grammaticale en Europe*, realizado na Facultat de Filologia da Universidade de Barcelona, de 16 a 18 de Março de 95. A comunicação, então apresentada em francês, intitulava-se “De l’article au déterminant”. Todavia, razões pragmáticas levaram-nos a reformulá-la neste artigo, escrito em português.

distinção entre “etiquetas” diferentes que têm o mesmo conteúdo ou se estamos verdadeiramente na presença de uma interpretação linguística diferente, assim como de objectos diferentes. Mesmo se falamos do artigo e do determinante referindo-nos ao mesmo item, quererá isso dizer que se trata de uma evolução terminológica ou de interpretações diferentes de uma mesma matéria?

As nossas observações indicam que, numa primeira fase, o termo artigo estava só, independente na sua classe, tal como todas as outras classes de palavras que, presentemente, estão englobadas no determinante. Esta constatação acompanha o próprio princípio da análise morfológica praticada pela gramática tradicional — uma análise “atomista” que organiza cada partícula do discurso no seu “canto”. Se folhearmos uma gramática portuguesa tradicional não encontramos a palavra determinante como uma classe de palavras. Mas, hoje, qualquer gramática escolar fala dos determinantes, e as crianças convivem desde cedo com este termo.

Mas o que foi que produziu esta alteração nas gramáticas?

Com o desenvolvimento da gramática generativa, tornou-se necessário encontrar um termo que pudesse dar conta de todas as partículas que precedem o nome no sintagma nominal, de forma a associá-las a um nó na representação da frase, nas árvores. É nesta altura que se começa a empregar o termo determinante, um poderoso termo que serve para designar todos os elementos que precedem o nome, à excepção do adjectivo. Aí encontram-se, algumas vezes, várias classes de palavras para além do artigo, que são os diferentes determinantes de um nome.

Logo, o artigo, determinante segundo a terminologia actual, é um hipónimo da palavra determinante, na medida em que um artigo é um determinante, mas os determinantes não são somente os artigos. O determinante é, pois, uma grande classe onde se encontram várias classes de palavras que têm uma determinada função. Há, por isso, características comuns aos dois termos e características que os separam.

Neste trabalho, iremos ainda reflectir sobre a natureza e a importância destes dois termos. Apresentaremos as suas diferenças e as suas semelhanças na língua portuguesa, passando em revista os trabalhos desenvolvidos neste campo, nos últimos anos.

1. O Artigo

Tradicionalmente, entende-se por artigo as partículas que precedem o nome e que limitam a extensão do seu significado, na medida em que indicam se falamos de uma pessoa, animal ou coisa determinada ou indeterminada. Quando se trata de algo determinado, usa-se o artigo definido; se for indeterminado, usa-se o artigo indefinido.

Morfologicamente, os artigos flexionam em género e número, a fim de concordarem com o nome, como se pode observar no paradigma seguinte ²:

Quadro I

ARTIGOS	SINGULAR		PLURAL	
	MASC.	FEM.	MASC.	FEM.
DEFINIDOS	o	a	os	as
INDEFINIDOS	um	uma	uns	umas

1.1. Auxiliar para a identificação do género

Uma das funções dos artigos é a de serem um óptimo auxiliar na identificação do género e do número, já que, morfologicamente, os artigos ajustam a sua forma ao género e ao número do nome ao qual se juntam.

O género dos substantivos que nomeiam as coisas é, de certo modo, convencional. Dificilmente se pode depreender o género de palavras como *nau*, *pau*, *cometa* ou *caneta*, a partir da sua forma. O artigo é a única indicação de que *a/uma nau* é feminino, ao contrário de *o/um pau* que é masculino, tal como *o/um cometa* é masculino, ao

² Para uma melhor visualização dos itens apresentados reproduzimos os quadros elaborados por MATEUS Silva (1992).

contrário de *a/uma caneta* que é feminino.

Apesar de terem a mesma terminação, dizemos que *nau* e *caneta* são femininos porque estão precedidos do artigo *a/uma*, enquanto que *pau* e *cometa* são masculinos, porque estão precedidos do artigo *o/um*. O artigo, quer definido, quer indefinido, é, pois, o único meio fiável para a identificação do género das palavras.

(1)

a nau

o pau

a caneta

o cometa

o café

a chaminé

1.2. o artigo como limitador da extensão do significado do nome

Do ponto de vista semântico, o artigo divide-se em definido e indefinido, como dissemos anteriormente, segundo falamos de uma pessoa ou coisa determinada ou indeterminada.

O artigo definido antepõe-se aos nomes com sentido concreto, ou seja, o substantivo a que se refere já é conhecido. O *Dicionário de Termos Linguísticos* (1992), Vol. II, define-o do seguinte modo: “subclasse de artigos que referem entidades específicas e identificáveis.” (p. 52).

O artigo indefinido precede os nomes com sentido vago, indefinido.

Definido com sentido **determinado**:

(2)

o professor

os gatos

a casa

as árvores

Indefinido com sentido de **indeterminado**:

(3)

um professor

uns gatos

uma casa

umas árvores

No entanto, o artigo definido pode ainda ser utilizado em sentido lato, como, por exemplo, na frase seguinte:

(4) **O** cão é o melhor amigo do homem.

Nesta frase, não se trata de um cão específico que conheçamos nem de um homem específico, mas de um cão e de um homem quaisquer. Fala-se de um modo geral — o substantivo *cão* e o substantivo *homem* são genéricos.

1.3. Neutro

No português não existe um artigo para o neutro, ao contrário de outras línguas, como, por exemplo, o inglês. Neutro quer dizer que o determinante acompanha palavras que não são nem masculinas nem femininas.

Em espanhol, por exemplo, existe o **lo** para se referir ao neutro. Contudo, não existe consenso em torno deste problema, visto que um grande número de investigadores interpreta o **lo** como sendo um pronome. Veja-se o exemplo (5):

(5)

Lo bueno vino después (O bom veio depois)

*El bueno vino después.

Há, no entanto, uma particularidade no português que gostaríamos de realçar: é que o artigo definido pode empregar-se com os nomes próprios. Segundo Cuesta e Luz (1969: 463), o emprego do artigo com os nomes próprios tem uma função afectiva. Não partilhamos da mesma opinião. Pensamos que, quando se diz “a Maria” ou “o João”, pretendemos dizer apenas que se trata de um João ou de uma Maria particulares, no sentido *definido* do artigo.

Em contrapartida, o artigo indefinido emprega-se com os apelidos para indicar que falamos não de uma pessoa *indefinida*, mas

sim de uma pessoa única. Quando dizemos “um Pessoa” ou “um Camões”, indicamos que não há senão uma pessoa do género.

1.4. Artigo + nome + frase relativa

Jackendoff (1977) faz referência ao trabalho de Vergnaud (1974) onde se estudam algumas restrições à presença do artigo, dependendo da frase ser ou não relativa. Quer dizer que, se uma frase relativa é precedida de um nome, o artigo deve aparecer. Contudo, quando se trata somente de um sintagma nominal, a presença do artigo fica proibida. Os exemplos de (6), construídos a partir dos exemplos de Jackendoff (1977:177), exemplificam claramente a situação descrita:

(6)

Eu amo \emptyset Lisboa

*Eu amo **a** Lisboa

A Lisboa que eu amo (frase relativa)

1.5 O artigo zero

Correia (1992), (1994) tem vindo a demonstrar que existem substantivos em português cuja natureza semântica impõe certas exigências na escolha do artigo que os precede, rejeitando a presença dos artigos definidos e indefinidos. A selecção, neste caso, recai sobre o artigo zero, ou seja, ausência lexical do artigo, como podemos observar nos exemplos de (7):

(7)

Não há \emptyset água no Alentejo

*Não há **a** água no Alentejo

*Não há **uma** água no Alentejo

Podemos ainda observar que a presença *versus* a ausência de artigo antes de certos substantivos modifica o sentido da expressão, sendo a escolha zero a de maior latitude na indefinição. Assim, o artigo zero que, por ser zero, não tem qualquer representação lexical, adquire valor pelo contraste que estabelece com a presença de outros

artigos, como se pode ver em (8):

(8)

Fazer \emptyset teatro

Fazer **o** teatro

Fazer **um** teatro

A selecção de um dos artigos de entre a lista definido, indefinido, zero, está sujeita a restrições, como é o caso da escolha do artigo zero que só ocorre em posição pós-verbal. Esta é a constatação de Correia (1994) nas frases seguintes:

(9)

“O rapaz come sempre \emptyset arroz” (p. 138)

*” \emptyset Arroz está no prato” (p. 136)

2. O Determinante

São determinantes as palavras que modificam o núcleo do grupo nominal e que, de um modo geral, o precedem. Esta designação - determinante - advém do seu valor determinativo, e aparece com a gramática sintagmática nas regras de reescrita do SN para abranger todas as palavras que, numa árvore, precedem o nome, à excepção do adjetivo. (Na gramática sintagmática, o sintagma nominal tem uma reescrita que abrange o Det (determinante) + N. Mas, na maior parte das versões do sistema X-barra, os determinantes são entendidos como especificadores dos nomes, embora alguns analistas, como Hudson (1984), tenham proposto que se interpretem os determinantes como “cabeças” de sintagmas nominais).

O determinante é interpretado como uma classe gramatical constituída pelos elementos que correspondem às classes tradicionais dos artigos e dos pronomes ou adjetivos pronominais (salvo os pronomes pessoais). Portanto, é possível encontrar, no lugar dos determinantes, outros elementos e até mesmo expressões que precedem o nome, mas que não estão compreendidas na definição de determinante. Segundo o *Dicionário de Termos Linguísticos*, Vol II, (1992), “[...] o determinante tem sido analisado como o *specificateur* do nome e, ultimamente, como o núcleo do sintagma determinante,

que tem como complemento o sintagma nominal, à sua direita em português." (p. 52). Este género de problema levou os investigadores a propor outros termos para melhor dar conta da natureza deste nó.

Vejamos, pois, o que é, afinal, o determinante e quais as discussões em torno deste problema. Mas, antes disso, voltemos a nossa atenção, uma vez mais, sobre o artigo.

2.1. O artigo

O *Dicionário de Termos Linguísticos*, Vol II, define artigo da seguinte forma: "*Subclasse de determinantes, cuja principal função é a de determinar os nomes do ponto de vista semântico: ex. o livro/ um livro.*" (p. 51).

Segundo *A Dictionary of Grammatical Terms in Linguistics*, o artigo é: "*A determiner which lacks independent meaning but serves to indicate the degree of definiteness or specificity of the noun phrase in which it occurs.*" (p. 21), enquanto que o determinante é visto do modo seguinte: "*(Det or D) A lexical category, or a member of this category, whose members typically occur within noun phrases and indicate the range of applicability of the noun phrase containing them.*" (p. 80).

Se fizermos a comparação entre aquilo que foi dito antes a propósito do artigo e as suas definições, podemos ver que, apesar da base semântica que encontramos sempre nas definições, quando se fala do artigo fala-se de qualquer coisa de preciso no quadro morfológico, enquanto que quando se fala do determinante, mesmo que se trate de um artigo, fala-se de qualquer coisa que pertence mais propriamente à sintaxe.

Foi através de experiências com os determinantes que Malaca Casteleiro (1977) pôde concluir que o artigo é uma subclasse fundamental do determinante, porque é a única sub-classe que é obrigatória. Com o exemplo:

(10) "Todas as nossas primeiras cinco experiências" (p. 422), onde o determinante é composto por cinco elementos, o autor demonstra que o único obrigatório é o artigo. Todos os outros componentes do determinante podem ser apagados que a frase

continua gramatical. Contudo, se apagarmos o artigo, obtemos uma frase agramatical, como se pode ver no exemplo que se segue:

(11) “*Todas nossas primeiras cinco experiências” (p. 422)

Ainda do ponto de vista sintáctico, há um detalhe interessante; é que o artigo, definido ou indefinido, preenche a posição de determinante dois (Det2) (cf. ex. (12)) e que esta posição pode ainda admitir os determinantes *demonstrativos* (este, esta, etc.), os quais têm propriedades semânticas e sintácticas comuns aos artigos (cf. p. 9). Com efeito, os demonstrativos comportam-se sintacticamente como verdadeiros artigos.

2.2 Possessivos

Segundo Mateus Silva (1992: 110), “semanticamente, os pronomes possessivos indicam a pessoa gramatical como possuidor.

Morfologicamente, os pronomes possessivos flexionam em pessoa e número (1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e do plural), em género e número (masculino e feminino; singular e plural). Concordam em pessoa e número com o objecto possuído.”, como se pode observar no quadro que se segue:

Quadro II

POSSUIDOR		SINGULAR			PLURAL		
OBJECTO POSSUÍDO		1ª PES.	2ª PES.	3ª PES.	1ª PES.	2ª PES.	3ª PES.
UM	MASC.	meu	teu	seu	nosso	vosso	seu
	FEM.	minha	tua	sua	nossa	vossa	sua
VÁRIOS	MASC.	meus	teus	seus	nostros	vossos	seus
	FEM.	minhas	tuas	suas	nostras	vossas	suas

2.3. Demonstrativos

Os determinantes demonstrativos pertencem à classe dos pronomes e, semanticamente, indicam a proximidade ou a distância em relação às pessoas gramaticais, e o tempo - próximo (presente ou passado com referente próximo) ou distante (passado ou futuro). Do ponto de vista morfológico, os determinantes demonstrativos variam em género e número.

Quadro III

SEMÂNTICA	MORFOLOGIA				
	FORMAS VARIÁVEIS				
PESSOA ESPAÇO TEMPO	SINGULAR		PLURAL		FORMAS INVARIÁVEIS
	MAS.	FEM.	MAS.	FEM.	
Proximidade da 1ª pessoa, do momento presente ou do passado próximo	este	esta	estes	estas	isto
Proximidade da 2ª pessoa, do passado e do futuro próximos ou distantes	esse	essa	esses	essas	isso
Proximidade da 3ª pessoa, do passado distante	aquele	aquela	aqueles	aquelas	aquilo

Os demonstrativos têm propriedades semânticas e sintáticas comuns aos artigos. Os exemplos que se seguem mostram que têm a mesma distribuição no sintagma nominal:

(12)

*os estes livros

*estes os livros

O demonstrativo tem também o traço [+definido], o que reforça a possibilidade de entrar no Det2. Resumindo, no Det2 pode haver um *artigo definido*, um *artigo indefinido* ou ainda um *demonstrativo*. Nos demonstrativos é preciso, no entanto, excluir os invariáveis *isto, isso, aquilo*, que funcionam somente como (pronomes) neutros.

2.4. Indefinidos

Semanticamente os pronomes indefinidos indicam de uma forma vaga e mal definida a 3ª pessoa gramatical; aplicam-se a pessoas e objectos, como observa Mateus Silva (1992: 111).

Morfologicamente, os pronomes indefinidos apresentam formas variáveis em género e número e ainda formas invariáveis.

Quadro IV

VARIÁVEIS				INVARIÁVEIS
SINGULAR		PLURAL		SINGULAR
MASC.	FEM.	MASC.	FEM.	
algum	alguma	alguns	algumas	alguém
nenhum	nenhuma	nenhuns	nenhumas	ninguém
todo	toda	todos	todas	tudo
outro	outra	outros	outras	outrem
muito	muita	muitos	muitas	
pouco	pouca	poucos	poucas	nada
tanto	tanta	tantos	tantas	cada
quanto	quanta	quantos	quantas	algo
qualquer		quaisquer		

Sintacticamente, o determinante *um* introduz-se naturalmente no lugar destinado ao artigo, mas *algum*, por exemplo, nunca entra nesse lugar. *Algum* é quantificador que aparece noutro paradigma.

2.5. Numerais

Os numerais cardinais e ordinais são as palavras que indicam uma quantidade determinada. Sintacticamente combinam-se com os artigos definidos, indefinidos ou demonstrativos, no sintagma nominal. Os numerais cardinais empregam-se isoladamente ou com o artigo definido. Por seu lado, os numerais ordinais empregam-se sempre com artigo se ocuparem a posição de sujeito ou de complemento directo.

Ex (13) **Cinco** meninas

(14) As **cinco** meninas

(15) As **primeiras cinco** meninas vão para a direita

2.6. Interrogativos e exclamativos

As formas dos determinantes interrogativos e exclamativos são: *que e qual/quais; quanto/quanta/ quantos/quantas*.

Semanticamente, o determinante interrogativo emprega-se quando se coloca uma questão a propósito do nome que ele determina. O determinante exclamativo emprega-se quando se exprime um sentimento como espanto, admiração.

Em resumo, podemos ter determinantes isolados antes do nome, como no exemplo que se segue, onde todos são determinantes do nome *homem*:

(16)

o

um

o meu

este homem

nenhum

cada

o primeiro

Ou então, podemos ter combinações de determinantes, como mostramos em (17):

- (17)
 este meu
 este meu primeiro homem
 cada primeiro

Apesar disso, a distribuição dos determinantes antes do nome não é arbitrária, como veremos na sintaxe dos determinantes.

2.7. Sintaxe dos determinantes

A análise sintáctica dos determinantes revela algumas razões que tornam o termo determinante inadequado, do ponto de vista sintáctico.

Retomando o trabalho de Malaca Casteleiro (1977), observamos que é possível ter uma sequência de cinco determinantes antes do nome, mesmo se na maior parte dos casos o número dos determinantes não ultrapassa três. No seu trabalho, observa ainda que a ordem dos determinantes no sintagma nominal não é arbitrária. O seu estudo deixa claro que, logo que haja vários determinantes antes do nome, a sua distribuição pré-nominal é ordenada. Segundo a sua distribuição relativamente à posição do artigo, Malaca Casteleiro (1977) ordenou os determinantes nas sub-classes seguintes: os pré-artigos que são os quantificadores absolutos e dual e o interrogativo *qual*; o artigo definido e indefinido e ainda os demonstrativos e os pós-artigos que são os possessivos, os numerais e os quantificadores relativos.

No sintagma proposto por Malaca Casteleiro (1977: 422): “Todas as nossas primeiras cinco experiências”, a distribuição dos determinantes é a seguinte:

- | | |
|---|-----------|
| 1. Pré-artigo (quantificador) _____ | todas |
| 2. Artigo _____ | as |
| 3. Pós-artigo (determinante possessivo) _____ | nossas |
| 4. Numeral _____ | primeiras |
| 5. Numeral _____ | duas |

O lugar do pré-artigo é ocupado pelo determinante indefinido e quantificador absoluto (todo, toda, todos, todas).

Sintacticamente, o pré-artigo *todo* não se emprega isolado. A sua combinação com os definidos é livre.

Segue-se-lhe o artigo e os determinantes possessivos e numerais que podem alternar na posição que ocupam. O numeral pode ainda finalizar a sequência ou alternar com o determinante que o precede. Dada a possibilidade de comutação destes últimos três determinantes (Det.4 e Det.5 comutam entre si e o Det.3 pode comutar com o Det.4), Malaca Casteleiro (1977) englobou-os na classe de pós-artigo.

Através da discussão do exemplo apresentado em (10), Malaca Casteleiro (1977) mostra a possibilidade de alternância dos determinantes e a sua distribuição no núcleo. Fica ainda demonstrado que o determinante é uma classe gramatical integrada no SN, bem como a obrigatoriedade da presença do artigo, ao contrário de qualquer outro elemento componente do determinante.

Mas a inadequação da noção de determinante em português é demonstrável através da noção de *quantificador*. Foi o que Mateus (1986) procurou demonstrar no seu artigo, “Specificateur ou déterminant: question de terminologie ou question d’adequation explicative?”³.

Em português os quantificadores indefinidos ou numerais precedem o N, como na frase:

(18) **Poucas** pessoas conhecem o caminho

O próprio quantificador também pode ser precedido de um artigo, como exemplificamos nas frases (19) e (20):

(19) **Um pouco de** sal não faz mal a ninguém

(20) **Umas quantas** pessoas conhecem o caminho

Como podemos ver aqui, o quantificador não é necessariamente o primeiro elemento do determinante. Alguns quantificadores podem ser precedidos do artigo.

Mais ainda, podemos constatar que há adjectivos que são

³ MATEUS, M^a Helena Mira, (1986), “Specificateur ou Déterminant: Question de Terminologie ou Question d’Adequation Explicative?”, in *Morphosyntaxe des Langues Romanes, Actes du XVIIe Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes, (Aix-en-Provence, 29 Aout -3 Septembre 1983)*, Université de Provence, pp. 66-78.

quantificadores, como se pode depreender da frase seguinte:

(21) **Várias** pessoas conhecem o caminho

Do ponto de vista semântico, o adjetivo quantifica o nome. Sintacticamente, tem a mesma distribuição que os indefinidos e que os numerais. Aí temos um problema, porque este tipo de casos permite-nos interpretar certos adjetivos como quantificadores. Quer dizer que a quantificação é-nos dada não somente pelos indefinidos e pelos numerais, mas também pelos adjetivos, o que torna a definição de determinante inadequada, nestes casos.

Nos anos setenta, Chomsky propôs um quadro teórico sobre o qual se desenvolveu a teoria X barra, em que as expressões de quantificação se ligam ao nó Especificador (Spec.). Esta noção parece ser mais adequada visto que o Spec é algo de mais alargado, que pode abranger o determinante e ainda outros elementos.

A *Gramática da Língua Portuguesa* (1989) de Mateus *et alii* adopta esta noção e integra os Determinantes na classe dos Especificadores. As autoras definem os Especificadores do SN como sendo “todos os elementos que se encontram à esquerda do nó que não sejam complementos.” (p. 189). Aí encontramos: a) os *determinantes*, b) os *quantificadores* e c) as *expressões qualitativas*. Nesta gramática, os determinantes são apenas os Artigos Definidos e Indefinidos, e os Deícticos - demonstrativos e possessivos.

Neste ponto, chegamos ao momento das divergências. Verificamos que não há consenso entre os especialistas sobre aquilo que deve constituir o determinante. A especulação teórica conduziu-nos a uma posição muito incómoda, onde não se sabe em quem confiar quando se quer transferir os termos que provêm da investigação científica para as gramáticas escolares. O grande problema é que ao nível científico existem muitas correntes e, conseqüentemente, muitos resultados.

3. Conclusão

A terminologia oficial segue como princípios tanto a forma, como o sentido, ou as funções sintáticas.

Acabámos de observar que a terminologia é muitas vezes

incoerente e falsa, porque não se relaciona com as entidades reais da língua. As adaptações que foram feitas a partir de outras línguas particulares que têm as suas características individuais, muitas vezes não se adaptam às idiossincrasias das outras línguas.

Seria desejável agrupar em classes todas as palavras que têm características gramaticais comuns sejam elas morfológicas, semânticas ou sintáticas, mas seria também conveniente poder distingui-las umas das outras gramaticalmente.

Pensamos que não é fácil ultrapassar este dilema. Por um lado, se etiquetamos todas as palavras, retrocedemos à gramática tradicional e ignoramos todos os esforços da investigação científica na área da linguística. Por outro lado, se quisermos ser mais ousados, corremos o risco de construirmos uma gramática “avant-garde”, de duvidável utilidade no mundo escolar.

As gramáticas escolares têm por detrás delas uma gramática de tipo tradicional, com uma tradição milenar que remonta ao Latim e que ainda está viva. As novidades têm vindo a ser introduzidas aqui e acolá, à medida que os nossos conhecimentos científicos o permitem. No entanto, é preciso ser-se prudente se não quisermos construir uma gramática que esteja permanentemente a mudar.

Não é o nosso objectivo aqui indicar a melhor terminologia a seguir. O nosso trabalho consistiu em apresentar um quadro onde existe um bom número de interpretações e, conseqüentemente, de designações para os factos gramaticais. Sabemos que é necessário organizar o nosso mundo gramatical que se tornou um tanto anárquico. Com efeito, se pensarmos que seria desejável obter rapidamente uma terminologia satisfatória, é-nos preciso reflectir antes de tomarmos decisões comprometedoras.

BIBLIOGRAFIA

- ASHER, R. E. (editor-in-chief) e SIMPSON, J. M. Y. (coord.) (1994). *The Encyclopedia of Language and Linguistics*, Pergamon Press, Oxford.
- CASTELEIRO, J. Malaca, (1977). “A Sintaxe na Didáctica do Português como Língua Estrangeira”, in *Actas do 1º Encontro Nacional para a*

- Investigação e Ensino do Português*, 1976, Centro de Linguística das Universidades de Lisboa, Lisboa, pp. 413-461.
- CORREIA, Clara, (1992). "A Determinação: Quantificação e Qualificação", in *Actas do VIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Colibri, Lisboa, pp.100-111.
- _____. (1994). "O Valor do Artigo ø em Português", in *Actas do IX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Colibri, Lisboa, pp.131-144.
- JACKENDOFF, Ray (1977). *XTheory: A Study of Phrase Structure*, MIT Press, Cambridge, M.A..
- LEWANDOWSKI, Theodor.(1986) *Dicionário de Lingüística*, Cátedra, Madrid.
- MATEUS, M^a Helena Mira, (1986). "Specificateur ou Determinant: Question de Terminologie ou Question d'Adequation Explicative?", in *Morphosyntaxe des Langues Romanes, Actes du XVIIe Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes, (Aix-en-Provence, 29 Aout -3 Septembre 1983)*, Université de Provence, pp.66-78.
- MATEUS, M^a Helena et alii (1989). *Gramática da Língua Portuguesa*, Editorial Caminho, Lisboa.
- MATEUS, M^a Helena e XAVIER, M^a Francisca (organização) (1990). *Dicionário de Termos Linguísticos*, VOL. I, Associação Portuguesa de Linguística e Instituto de Linguística Teórica e Computacional, Edições Cosmos, Lisboa.
- SILVA, Helena Mateus, (1992). *A nomenclatura gramatical no ensino da língua materna*. Trabalho de síntese apresentado para as provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, Universidade dos Açores, Ponta Delgada. (Mimeografada).
- TRASK, R. L. (1993). *A Dictionary of Grammatical Terms in Linguistics*, Routledge, London.